

Rosianny Campos Berto¹

Fernanda Zanetti Becalli²

Embora o momento atual, no sentido estrito do termo, não seja senão uma perpétua evanescência, a fronteira entre o presente e o passado não se desloca por isso num movimento menos constante.

Marc Bloch (2001)

Ao refletir sobre as relações complexas entre passado e presente na produção dos historiadores, Marc Bloch nos inspira na constituição deste dossiê, que fala de escolas, de processos de escolarização e da profissão docente, em perspectiva histórica. Processos, espaços e sujeitos que têm sido, nos últimos tempos, constantemente atacados e postos à prova – como também o foram em diferentes momentos do passado –, o que reforça a necessidade de revisitarmos, continuamente, as histórias, as memórias e as trajetórias que nos constituem.

É em busca de trazer à cena esses elementos, que reunimos e apresentamos, neste dossiê, um conjunto de trabalhos que tematizam historicamente a Educação. Sob a temática proposta, encontram-se artigos oriundos de investigações que analisam, em âmbitos internacional, nacional e local, questões que envolvem: a profissão docente, no que tange à formação, ao exercício da docência e às incursões políticas; as instituições de ensino e as práticas escolares; e os processos de escolarização dos sujeitos.

Para isso, contamos com a colaboração de pesquisadores/as de diferentes instituições – sete brasileiras e uma estrangeira – que, sob perspectivas e abordagens diversas, problematizam em seus textos elementos da Educação que se conectam. É com base nessas conexões, menos preocupadas com a proximidade temporal e mais

¹ Universidade Federal do Espírito Santo.

² Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo.

com as aproximações temáticas que nos permitem idas e vindas entre diferentes contextos, que passamos a apresentar os artigos.

Um primeiro conjunto de textos tematiza a profissão de professores/as em sua amplitude, indicando que as identidades com a profissão se constroem não somente pela atuação na prática cotidiana do ensinar, mas na relação com os diversos espaços ocupados no exercício da profissão, que também se constitui intelectual e politicamente.

Nesse sentido, os professores Bernat Sureda Garcia e Francisca Comas Rubí, docentes e pesquisadores da Universitat de les Illes Balears, focalizam, em seu texto, intitulado **El empoderamiento de los profesionales de la enseñanza en Baleares 1875-1900: asociacionismo, revistas y libros escolares**, o modo como naquela região e naquele período profissionais da educação forjaram, coletivamente, sua identidade com a profissão. Essa construção identitária se relacionava com a participação social possibilitada pela criação de associações profissionais, pela produção de revistas pedagógicas e de livros escolares que, em alguns casos, tornaram-se, inclusive, meios para complementação de suas rendas.

Circunscrito no contexto espanhol, o artigo nos remete aos modos como a identificação com a profissão docente foi/tem sido engendrada, também, no Brasil, onde podemos observar, especialmente a partir de começos do século XX, a ampliação da participação de profissionais da educação em espaços políticos da profissão, a inserção acadêmica desses profissionais e o desenvolvimento de atividades distintas do ensino, como escrita e edição de livros e manuais.

Alguns desses elementos são analisados pela professora Libania Nacif Xavier, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no artigo **Profissão docente e construção democrática (1960-1990): uma abordagem comparada**. Situado na segunda metade do século XX, o texto problematiza questões sobre o associativismo docente no Brasil e em Portugal, durante o processo de reconstrução democrática nos dois países. Parte, para isso, de uma análise que focaliza a intervenção de diferentes instâncias e órgãos – que incluem as organizações coletivas de professores, os Estados-Nação e os Organismos Internacionais – na organização da carreira docente e na constituição identitária profissional de professores/as.

A autora destaca os limites ideológicos impostos ao exercício da profissão que, sob diferentes aspectos, afetaram, nos dois países, a carreira docente, cuja regulação

tem ocorrido, historicamente, em diferentes níveis e instâncias, em uma esfera transnacional ou global, capaz de influir em decisões políticas tomadas localmente. O artigo fornece, por fim, elementos para pensarmos a escrita da História da Educação em perspectiva comparada, tendo em vista uma observação mais abrangente de fenômenos educacionais e, também, políticos, ideológicos e sociais, com vistas à compreensão de relações entre processos globais e locais.

Ao trazer à cena o educador e intelectual paulista Pedro Deodato de Moraes, José Claudio Sooma Silva, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, problematiza, no artigo intitulado **Entre posicionamentos firmados e sujeições vivenciadas: Pedro Deodato de Moraes e a arena educacional carioca nos anos 1920**, representações de educação e sociedade presentes nos discursos desse educador, quando atuou em espaços educacionais diversos na cidade do Rio de Janeiro, nos anos 1920.

Nos escritos que produzia para as escolas, nas palestras que proferia e nos registros que elaborou como colaborador de reformas educacionais em outros estados brasileiros, Deodato ressaltava a necessidade de uma educação escolarizada que atendesse às demandas da vida social. Teve, assim, significativa atuação no que diz respeito às orientações para uma educação escolarizada que tinha como ponto de partida a relação com o cotidiano da cidade em expansão e da vida social, buscando incutir e divulgar preceitos de higiene, normas de comportamentos e princípios morais.

As orientações elaboradas por Pedro Deodato de Moraes constituiriam, em finais da década de 1920, as bases do Curso Superior de Cultura Pedagógica, ministrado por ele no estado do Espírito Santo, entre 1929 e 1930. Desse curso participaram as professoras que são o foco do artigo **Trajetórias de professoras que frequentaram o Curso Superior de Cultura Pedagógica: um olhar a partir da revista *Vida Capichaba* nas décadas de 1920 e 1930**, de Rosianny Campos Berto e Fernanda Maria Oliveira da Costa, da Universidade Federal do Espírito Santo.

Ao tomarem como ponto de partida a revista *Vida Capichaba*, um periódico vanguardista de cunho cultural e social, que circulava entre as camadas médias e a elite local, as autoras analisam elementos das trajetórias pessoais de professoras que frequentaram o curso. Buscam compreender quem eram essas mulheres, que espaços sociais frequentavam e quais razões teriam contribuído para a escolha de

seus nomes para participarem de um curso de formação que também estava destinado a uma dada elite: a da Educação capixaba.

Processos de formação docente na relação com a constituição de instituições destinadas a essa finalidade são temas do artigo intitulado **De Escola Normal Rural para Escola Normal Regional de Souza - PB: a formação de professoras(es) para o meio rural (1943-1961)**, de Antonio Carlos Ferreira Pinheiro, da Universidade Federal da Paraíba. Como parte de um projeto de pesquisa que investiga processos de formação de professores rurais no Brasil entre as décadas de 1940 e 1970, o artigo tematiza a implementação de políticas de formação de professores/as para atuarem na educação rural na Paraíba. Mais especificamente, analisa questões que envolveram a implementação da Escola Normal Rural São José, mais conhecida como Escola Normal Rural de Souza, em referência ao município onde se localizava.

O autor salienta a importância que instituições como essa tiveram no processo de formação de professores/as da região Agrestina e Sertaneja, já que, antes disso, eram formados/as apenas na capital paraibana. Apresenta questões para pensarmos sobre as concepções de ensino rural nos processos formativos, tendo em vista a especificidade desse ensino e a importância da criação de instituições que visassem a contribuir com a formação docente para atendimento às áreas rurais e a demandas locais específicas.

Com um olhar mais voltado a elementos dos processos de escolarização e dos currículos escolares, os três últimos textos que compõem este dossiê caminham por diferentes períodos e abordagens. Num recuo para a segunda metade do século XIX, o artigo **Pelas páginas do Almanak Laemmèrt: colégios para a elite feminina na sede da Corte (1844, 1867, 1869)**, de Heloisa Helena Meirelles, pesquisadora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, toma como foco as instituições escolares que começavam a se apresentar, na segunda metade do século XIX, como espaços destinados à educação das moças, cuja finalidade envolvia a preparação para o casamento, para os cuidados com a casa, com a família e com os filhos.

Partindo do *Almanak Laemmèrt*, um anuário que tem se apresentado como fonte profícua para pesquisas no campo da História da Educação, o estudo de Meirelles apresenta, a partir da propaganda das escolas de elite para meninas, uma perspectiva sobre a educação feminina institucionalizada, em tempos em que cabia às mulheres o cumprimento de suas funções em torno de pais e maridos.

Com uma análise situada, historicamente, um século mais tarde, o artigo **História do teatro-educação como cultura escolar e sua institucionalização como disciplina (1961-2016)**, de Thiago Marques Leal e Ednéia Regina Rossi, da Universidade Estadual de Maringá, apresenta reflexões sobre questões curriculares, disciplinas e práticas escolares. Com base na legislação educacional brasileira e na produção em História da Educação, os autores analisam o lugar que o teatro tem ocupado nas propostas educacionais, especialmente, no que envolve o período entre 1961 e 2016.

Assim, em busca de compreender a trajetória dessa prática na cultura escolar, partem da presença e da ausência do teatro nos currículos escolares ao longo das décadas – tendo em vista a criação e as mudanças sofridas pela disciplina que tematizava as artes no contexto escolar – a considerar mudanças nas políticas educacionais em diferentes contextos.

Por fim, Fernanda Zanetti Becalli, Cleonara Maria Schwartz e Camila de Oliveira Fonseca Ribeiro, professoras e pesquisadoras do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, da Universidade Federal do Espírito Santo e da Prefeitura Municipal de Cariacica, respectivamente, apresentam o artigo **Professoras narram suas histórias: memórias de alfabetização**, dedicado à análise dos registros memorialísticos de 112 professoras alfabetizadoras do município de Vila Pavão, no estado do Espírito Santo. Esses escritos integram a coletânea *Nossas Memórias*, publicada em 2007, como fruto do Programa de Formação de Professores Alfabetizadores (Profa). De suas memórias emergem as lembranças da escola, das cartilhas, dos processos de aprendizagem da leitura e da escrita, de concepções e métodos de alfabetização em circulação, bem como das relações que estabeleciam com suas professoras.

Como lembra Nóvoa (2007), abordagens (auto)biográficas têm possibilitado práticas e reflexões férteis às diversas áreas do conhecimento e, no campo da História da Educação, temos muito a dialogar com elas, ao compreendermos que a dimensão da experiência presentes nas memórias recoloca os sujeitos no centro da “[...] história sociocultural e confere uma atenção renovada aos seus percursos de vida, como entradas privilegiadas para a compreensão das realidades educativas” (MOGARRO, 2005, p. 13).

Esperamos que os estudos reunidos neste dossiê – que apresenta um panorama de investigações sobre escolas, processos de escolarização e profissão docente, em perspectiva histórica – contribuam para despertar em estudantes dos cursos de licenciatura, professores/as e pesquisadores/as o desejo de conhecer e problematizar relações possíveis entre o passado e o presente da Educação, a partir de diferentes olhares e perspectivas, de diferentes contextos e escalas de análise que se conectam. Pode ser que esse interesse, renovado pelas investigações apresentadas, ajude a estimular outras pesquisas e estudos, que abarcando a historicidade das escolas, dos processos de escolarização e da profissão de professores, ofereçam elementos para a compreensão do passado que, esquadrihando o futuro, desafiem também o tempo presente.

Desejamos a todos/as boa leitura!

Referências

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história**, ou o ofício do historiador. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

MOGARRO, Maria João. **Memórias de professores**: discursos orais sobre a formação e a profissão. História da Educação, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n. 17, p. 7-31, abr. 2005.

NÓVOA, António. Os professores e as histórias de suas vidas. In: NÓVOA, António. (Org.). **Vidas de professores**. Porto/Portugal: Porto Editora, 2007. p. 11-30.